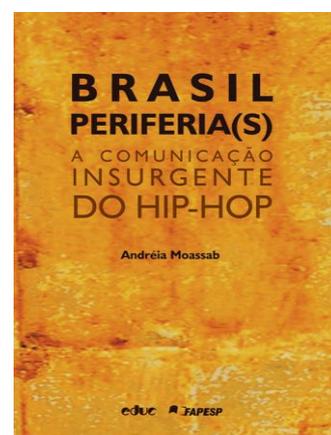


## Comunicação e resistência: como dar voz às singularidades

### Heloísa Prates Pereira

Doutoranda | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
heloisa\_p\_pereira@hotmail.com

MOASSAB,  
Andréia. **Brasil  
Periferia (s):** a  
comunicação  
insurgente do hip-  
hop. São Paulo:  
EDUC, 2011.



Está acontecendo uma guerra nas periferias de São Paulo – e não só nelas, mas também nas periferias de diversas grandes cidades brasileiras e mundiais. Suas principais armas, segundo a pesquisadora Andréia Moassab, são ritmo e poesia (*rhythm and poetry*), o rap engajado e a “consciência” do movimento hip-hop<sup>1</sup>. Na obra *Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop*, Moassab reflete sobre a comunicação contra-hegemônica, espaço de resistência discursiva e ressignificação simbólica de identidades e contextos sociais.

Colocando em questão a organização urbana e as estratégias políticas de planejamento das cidades, a autora nos conduz ao primeiro ponto da discussão: a segregação espacial, que empurra os pobres para as periferias mal estruturadas, com pouco acesso aos serviços básicos de educação, transporte e saúde. Mas essa segregação não acontece apenas no território: ela se consolida no plano simbólico, por meio de discursos hegemônicos (em grande parte midiáticos) que mostram a cidade como um espaço de “todos”, enquanto a periferia, um lugar à parte, é o espaço dos pobres.

<sup>1</sup> O movimento hip-hop se caracteriza pela música (o rap), pela dança (o *break*), pelos DJs e MCs, pelo grafitti e por aquilo que seus integrantes denominam “consciência”, algo relacionado à valorização da negritude e ao engajamento político.

A homogeneização das periferias produzida pela mídia torna-as um todo indiferenciado e ameaçador que, por isso mesmo, deve ser mantido isolado e afastado. [...] A “periferia” assim construída é o lugar da violência e da criminalidade, da desestruturação familiar, da pobreza, da falta de recursos, de infraestrutura e de cultura. Em outras palavras, trata-se de uma não cidade, um espaço fora do ideário de cidade hegemonicamente construído (MOASSAB, 2011, p. 92).

A luta pelo espaço urbano – em seus aspectos físicos e simbólicos – é compartilhada pelos movimentos do hip-hop, de reforma urbana, dos sem-teto, entre outros<sup>2</sup>, demonstrando uma importante articulação entre grupos excluídos daquilo que Henri Lefebvre (1991) chamou, já em 1968, de “direito à cidade”. Moassab busca referências nas obras de Ermínia Maricato (2001) para repensar os modelos de segregação espacial e argumentar que “se o planejamento urbano modernista não reconheceu a cidade não ajustada ao seu racionalismo, o pós-moderno a oculta deliberadamente” (MOASSAB, 2011, p. 93). O discurso hegemônico, destaca Moassab, cristaliza formas negativas de representação das periferias e de seus habitantes, enquanto a cidade das classes média e alta é positivamente caracterizada.

O segundo ponto em questão são as relações de poder e resistência no contexto do hip-hop. A autora arrisca-se em uma revisão bibliográfica que articula os conceitos de microfísica do poder (FOUCAULT, 1979), sociologia das ausências (SANTOS, 2000, 2006, 2007) e multidão (HARDT, NEGRI, 2000). Michel Foucault e Boaventura de Souza Santos propõem concepções diferentes para a distribuição do poder na sociedade: para Foucault, o poder não se concentra nos aparelhos do Estado, mas ramifica-se numa rede de micropoderes que envolvem práticas, posturas e saberes enraizados no cotidiano; Santos (2000), por outro lado, afirma que o espaço por excelência do exercício do poder está no interior de e na interrelação entre seis campos, que ele delimita como doméstico, da produção, do mercado, da comunidade, da cidadania e o mundial. Ele insere o poder e seu exercício no centro do entendimento dos processos sociais e o percebe como uma troca desigual, que acontece em grande medida dentro do próprio campo. Os pólos hegemônicos dessas trocas, no âmbito discursivo, seriam responsáveis pelo silenciamento dos discursos de seus pólos contrários, tornando-os simbolicamente não existentes (ausentes). Santos

---

<sup>2</sup> De acordo com a autora, o movimento hip-hop tem diversas aproximações temáticas com outros movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), o Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), o Movimento Nacional de Reforma Urbana (MNRU) e, principalmente, com o movimento negro.

defende distinções de hierarquia entre as diferentes formas de poder para evitar uma “dissolução” do poder na sociedade, que inviabilizaria uma resistência a ele.

Não são as diferenças, entretanto, que interessam a Moassab, e sim as semelhanças: ambas as perspectivas mobilizam relações sociais construídas no cotidiano como forma de exercício do poder e como possibilidade de resistência. A autora argumenta que “tanto na concepção de poder de Santos quanto na de Foucault, a resistência vai se desenhando multifacetadamente, mais através das singularidades da multidão e menos da uniformidade combativas das massas” (MOASSAB, 2011, p. 108).

As singularidades são apresentadas como importante elemento de desconstrução da visão hegemônica divulgada pelos media: para o movimento hip-hop não existe “a periferia”, e sim “as periferias”, com suas características, suas organizações, seus estilos próprios. Mas essa diversidade se aglutina em momentos de resistência, ressignificando identidades étnicas, de classe social e de território. Santos (2006, p. 313) afirma: “temos o direito de ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”.

Para elucidar a guerra simbólica em curso nas periferias, Moassab propõe ampliar o entendimento daquilo que Santos descreve como fascismo social (2006)<sup>3</sup>, criando uma nova categoria: o fascismo simbólico, que “se configura como um regime desigual nas possibilidades de produção e circulação de sentidos, proporcional à desigualdade nas relações de poder” (MOASSAB, 2011, p. 134).

Os integrantes do movimento hip-hop contrapõem-se ao fascismo cultural valorizando uma história não contada do Brasil, destacando os heróis negros, como Zumbi dos Palmares, a religião e as influências culturais de origem africana e designando-se como “guerreiros” do hip-hop. A comunicação contra-hegemônica das periferias (terceiro ponto de discussão do livro) assume a centralidade discursiva e conta sua própria história, o que acontece “da ponte pra cá”<sup>4</sup>, tanto para os moradores locais quanto para aqueles da “cidade”. Há uma inversão nas instâncias do Mesmo e do Outro, explica Moassab, em relação ao discurso mediático: o Mesmo passa a ser a periferia, com seus valores e sua cultura, e o

---

<sup>3</sup> O fascismo social, para Santos (2006), se caracteriza por um período no qual as sociedades são politicamente democráticas, mas suprimem socialmente as formas e vozes de oposição (por isso são socialmente fascistas). O sociólogo caracteriza os fascismos do apartheid social, territorial, paraestatal, da insegurança, contratual e financeiro.

<sup>4</sup> Expressão popularizada pelo grupo Racionais MC's para se referir às periferias da Zona Sul de São Paulo, que se tornou título de um rap em 2002, no disco *Nada como um dia após o outro dia*. A expressão se justifica pela geografia da cidade: diversas regiões estão separadas do chamado “centro expandido” pelo curso dos rios Tietê e Pinheiros e ligam-se a ele por meio de pontes.

Outro são os valores dominantes. Essa ressignificação simbólica é marcante nas letras do rap engajado.

Rap nacional é o terror que chegou / É o terror! / É o terror meu estilo meus planos de guerra / Comunidade do morro que não se rende à lei da selva / [...] O burguês discrimina / Fala mal de mim, de você, da sua mina, apóia a chacina / Desmerece o artista, o ativista / Deturpa a entrevista / Eu sou plebeu até a cabeça e o apogeu / No negro escravo correu sangue meu / Meu ancestral sofreu e o seu? [...] A luta do vinil contra a alienação da novela / Eu sou o povo, então posso ser o que quero / Eu sou o baixo salário, o incendiário / Ou a foice e o martelo [...] Eu sou o trator o rolo compressor / Eu luto pela paz em forma de terror / Eu vim pra mudar o clima / O talento na rima / Sai da reta maluco eu vou passa por cima! (GOG, 2000).

A pesquisa realizada por Moassab, que resultou na tese de doutorado defendida em 2008 e, recentemente, no livro *Brasil periferia(s)*, teve como procedimentos metodológicos pesquisa de campo, análise dos *media* e análise das letras de músicas do hip-hop. Durante seus estudos, a autora envolveu-se ativamente com o movimento hip-hop, participando de diversos projetos no Brasil e em Portugal. Também aprofundou sua base conceitual durante o estágio de doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde seu trabalho foi orientado por Boaventura de Souza Santos. Mais do que o movimento hip-hop como discurso contra-hegemônico – tema central do livro –, Moassab discute a pesquisa em comunicação para além dos estudos dos *media*, geralmente atrelados aos discursos dominantes. Compreender a comunicação como um campo maior, no qual se possa investigar não só esses discursos, mas também os processos contra-hegemônicos que buscam desconstruir aquilo que a produção mediática/cultural disseminada tende a naturalizar se coloca como um fator de extrema importância para a politização da pesquisa.

Para o leitor que se depara com a obra *Brasil periferia(s)*, a primeira impressão pode ser de encantamento exagerado da pesquisadora para com seu objeto de estudo, mas essa impressão se desfaz conforme uma argumentação explícita os posicionamentos adotados na pesquisa, desconstrói visões hegemônicas de que o movimento hip-hop incita a violência, discute com profundidade as questões de gênero (o machismo como categoria de depreciação da voz da periferia *versus* a reprodução de estruturas de exclusão dentro do próprio movimento) e se questiona sobre a capacidade do hip-hop de propulsionar as mudanças que intenciona desde a década de 1980. A resposta vem sem romantismo, nem desilusão: uma transformação das periferias vem acontecendo há anos, de caráter

“heterotópico”, sem sair do lugar, sem transformar as periferias em “outra coisa”, mas transformando simbolicamente o desvalor creditado às periferias em orgulho e status social.

### Referências

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GOG, É o terror! In: **CPI da favela**. São Paulo: Zâmbia Fonográfica, 2000. (CD)
- HARDT, Michael; NEGRI, Tony. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. São Paulo: Vozes, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

*Recebido em 13/07/2012*

*Aceito em 31/08/2012*

Copyright (c) 2012 Autor(es) / Copyright (c) 2012 The author(s)  
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal.  
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

